

# Da pandemia e de psicanálise

Sylvain Nahum Levy<sup>1</sup>

Resumo: Ao mesmo tempo que alguns imaginam como será a vida pós-pandemia outros precisaram se ajustar de imediato a nova realidade. Os psicanalistas entre eles, mesmo sem entender por completo o que acontecia e como seria manter o método com outra tecnologia.

Palavras-chave: pandemia, isolamento, presença virtual, vínculo real

*Se alguém por mim perguntar*

*Diga que eu só vou voltar*

*Depois que me encontrar*

CARTOLA

SARS-COV II, covid-19, coronavírus, vírus da China. O agente da última (quem sabe penúltima) epidemia planetária recebeu várias denominações, que circulavam da laboratorial à etiológica, da epidemiológica à política. Segundo a necessidade do discurso a denominação se prestava aos interesses do discursante.

Só por aí já se renunciava e pronunciava uma novidade nova. O medo do desconhecimento produzia uma angústia global e um tipo de resposta que variava de conteúdo e de idioma, mas continha um substrato comum no esforço para aliviar essa angústia: a tentativa de substituir o desconhecimento real por um conhecimento fantasiado. A busca por um medicamento resolutivo se enquadra nessa dinâmica e talvez o mais famoso e mais difundido desses tenha sido a utilização da cloroquina como tratamento medicamentoso, muito embora outras drogas, como a ivermectina e algumas poções como chá de alho com gengibre e a ingestão de doses de whiskey e de vodka também tenham sido recomendadas.

1 Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB).

O mesmo movimento anti-angústia pode ser visto na esperança da descoberta de uma vacina contra esse vírus *maledetto* (em chinês 該死的, pronunciando-se gāisǐ de nǐ). A esperança surge como autêntica memória do futuro.

Outro ineditismo, pelo menos até o momento, nessa pandemia foi a ausência de um místico com grande credulidade que anunciasse o fim do mundo ou de um curandeiro milagroso que afirmasse possuir o segredo da cura, embora essa primazia tenha sido pretendida por um ou outro governante (Freud, 1921/1958a).

No entanto não é possível ignorar a invasão mental dos discursos de autoridades contra recomendações sanitárias – isolamento e distanciamento social, uso de máscaras e fechamento de comércios e restrições ao funcionamento de serviços. Reich escreveu:

o sucesso de Hitler nos anos 1928-1933 é a comprovação de que são os “grandes homens” que fazem a história, insuflando nas massas as suas “ideias”; e é verdade que a propaganda nacional-socialista se fundamenta nessa ideologia do chefe. ... Segundo o escritor Wilhelm Stapel [muito vinculado a Hitler] o nacional-socialismo é um movimento elementar impossível de superar com “argumentos”. (1933, p. 53)

Os argumentos só teriam efeito se o movimento fosse imposto usando argumentos”, ou seja, quando presidente Jair Bolsonaro diz “a constituição sou eu”, ele está reafirmando essa constatação de 80 anos atrás, deixando claro aos seguidores e influenciados que suas palavras e atitudes, e mais que tudo, ele próprio são/é a mensagem. Esse tipo de “informação” cria um autêntico “quebra-mola” no percurso mental das pessoas e mesmo aqueles que podem fazer um desvio de trajeto são impactados.

As vicissitudes do isolamento, por si só, já criavam dificuldades e mesmo quando alguns analisados (loquazes no consultório) confessavam sua ansiedade pelo advindo da sessão, muitas vezes seu início era conformado por longos silêncios, como se a conexão fosse se fazendo aos poucos. Karen Horney pontua “o isolamento emocional é difícil de aturar,

para qualquer pessoa; torna-se, entretanto, uma calamidade, se coincide com apreensões e incertezas acerca de si próprio.” (1964, p. 206).

Isolamento, medo de adoecer, de morrer, de morrer na solidão, de não ter a quem recorrer, de manter contato com possíveis contaminados, contrapondo-se aos desejos de viver, de encontrar pessoas, de namorar, de ver gente, de ver o mundo de apenas poder se apropriar de sua vida, são pensamentos que formam um caldo de cultura explosivo.

Por consequência, podemos supor que o homem normal adquire sua saúde [mental] através de inibições, e por meio de um recalçamento vitorioso [ou repressão bem sucedida]. Se a quantidade de ansiedade investida em inibições exceder a quantidade de sublimação, vai resultar numa inibição neurótica, posto que a luta entre a libido e o recalçamento não vai se desenrolar mais no campo das tendências do ego e os processos empregados na neurose para operar a ansiedade começam a funcionar. (Klein, 1923/1974, p. 124)

Na tentativa de harmonizar (jamais equilibrar, pois o equilíbrio traz em si a noção de movimento estático e a harmonia é a dinamização das possibilidades no encontro) o privado com o público, o individual com o coletivo, o cidadão com a cidadania, vão sendo moldados, para melhor ou para pior, alguns conceitos. A percepção do coletivo nasce da identificação do eu. Se me classifico como eu, instintivamente passo a acreditar ou reconhecer a existência de um outro. Ao identificar outro, abro a possibilidade de identificar mais outro e, assim, posso chegar a uma multidão, a partir da muito provável conformação singela, do triângulo bebê-mãe-outro.

É na noção de equidade, “o dom do espírito e da alma humana” segundo Santo Agostinho, que melhor pode desenvolver o princípio da cidadania. Equidade é julgar com igualdade, é dispor com igualdade, é conceber as pessoas como seres que são iguais. É também conceber a diferença como algo que caracteriza e não como algo que inferioriza, como diz Boaventura Santos. Quem tem esse dom pode melhor desempenhar funções de juiz ou formulador das próprias sentenças, pode melhor *discrionar* os postulados éticos (Levy, 2004, p. 21).

Algumas desigualdades já evidentes, agudizaram-se, outras se cristalizaram e outras, ainda, se apresentaram. As recomendações de higiene, como lavagem das mãos, dos instrumentos e objetos e assepsia dos ambientes eram dificultadas ou tornadas impossíveis em lares ou locais insalubres e desprovidos de água tratada (ou mesmo corrente) e de saneamento.

O Brasil é uma terra de contrastes. Existem aspectos harmônicos bem como diferenças, desigualdades e iniquidades que marcam, formam e conformam o País. A maneira de tratar esses aspectos é que confere à nação suas características de unidade e heterogeneidade. (Levy e Pimentel, 2014, pp. 27-28)

Os espaços disponíveis para o isolamento e quarentena variaram com triste frequência, de 1 a 200 metros quadrados por pessoa, segundo a habitação. As condições de lazer intradomiciliar idem. As possibilidades de continuação do processo educativo ficaram restritas às escolas que disponibilizaram aulas a distância e os acessos dos estudantes a equipamentos de informática que o permitissem.

O vão existente entre a renda das pessoas e das famílias foi de tal modo aprofundado que o recebimento de auxílio monetário com valor de 60% do salário mínimo significa para muitos a distância entre a vida e a morte.

Rui Barbosa disse que a verdadeira isonomia era tratar desigualmente os desiguais, para o analista isso deve ser um princípio de trabalho ou uma disciplina de ação. E essa desigualdade deve ser observada não só em relação a cada pessoa mas em a cada momento de cada sessão.

Cada um é diferente a cada momento. O mantra sem memória e sem desejo exporia isso. Mas o analista é sempre o mesmo. Será mesmo?

Essa pandemia colocou à prova essas ideias.

Em primeiro lugar o inimigo externo existia – o jacaré estava mesmo embaixo da cama e era comum à dupla. Os cuidados deveriam ser tomados igualmente pelos dois.

Bion faz uma observação preciosa em *Atenção e interpretação* que pode se encaixar como uma luva para muitos momentos desse episódio:

“Há pacientes cujo contato com a realidade se apresenta mais difícil quando a mesma é o seu próprio estado mental” (Bion, 1970/1973, p. 10)

Nesses momentos estamos falando de medos, perante um conhecido e perante desconhecimentos. E medo gera desconfiança e ódio.

A experiência clínica revela que o desenvolvimento de uma percepção mais real do analisando em relação ao analista requer tempo de análise. A idealização do analista por parte do analisando, pode ser mantida como defesa contra a inveja e para que ele sinta confiança e esperança em ser ajudado, e em se ajudar. Há analistas que, indiscriminadamente atribuem à inveja ou à resistência a recusa da interpretação que oferecem ao analisando. (Cymrot, 1997, p. 112)

Não se pode ignorar a angústia de morte e o instinto de morte, decorrentes da situação vivenciada. Como disse Money-Kyrle<sup>2</sup>

se, contudo, existe um instinto de morte, dificilmente poderemos duvidar que o medo da morte é uma reação ao mesmo. E citando Paula Heimann “o perigo que surge primariamente dentro do organismo fornece o estímulo para a capacidade inata de medo do ser humano”. (1969a, p. 244)

Não só é um novo real em torno de um objeto (vírus) e situação (pandemia), são também novas metodologia e tecnologia de abordagem, de comunicação e de contato. E o vínculo permanece igual? Quantas vezes temos que ouvir um “você está aí”? Pergunta inexistente ou raríssima quando de sessões presenciais.

As sessões à distância, por telefone, WhatsApp, Skype ou por outra plataforma tecnológica fazem repercutir outras demandas dos pacientes que nos força a proferir sons que reasseguram nossa presença e atenção, principalmente nas sessões exclusivamente de voz, sem

2 Money-Kyrle não é autor dos mais citados, embora tenha sido um dos primeiros a propor a interação entre os aspectos emocional e cognitivo do desenvolvimento psíquico. Donald Meltzer disse que aprendeu teoria e técnica com muitos analistas, mas com Money-Kyrle aprendeu o significado da psicanálise como “algo no mundo”. Poucos, como ele, tiveram a oportunidade de terem tido como analistas Ernest Jones, Sigmund Freud e Melanie Klein.

imagens. A presença pode ser virtual mas o contato e o vínculo têm que ser reais.

Esta é outra característica dessas sessões. No meu caso deixo a escolha da mídia (apenas áudio ou voz e imagem) a conta de cada analisando, afinal a opção do tipo de contato é dele, como no consultório, divã ou poltrona. Vendo-me ou só escutando.

Em relação a tecnologia é preciso fazer uma menção especial à qualidade das comunicações no país. Pode ser muito boa ou muito ruim. Conseguimos trabalhar horas e horas sem interrupções ou qualquer percalço e por vezes não é possível a comunicação nem por telefone, computador ou sinais de fumaça. Pode ser o nosso equipamento, o do analisando ou a transmissão, a mensagem não acontece. Em outros momentos é um eco na conversa ou um conjunto de sinais que produzem ruídos alienígenas.

É evidente que no início do processo de atendimento à distância, situações paranoicas precisaram ser objeto de tratamento específico, sem brincadeiras do tipo “parece que hoje os telefones estão contra nós” ou “espero que você não se sinta agredido pela dificuldade em restabelecer o contato”. Com o passar do tempo essas piadas passaram a ser aceitas, mas nas primeiras ligações/contatos essas ocorrências eram tratadas com muito cuidado, afinal nem eu nem o analisando sabíamos como lidar com isso. Com o continuar dos trabalhos chegou-se a um consenso: realidade se paga com realidade.

Os tabus precisaram ser reestudados. Percebi que a atenção flutuante, quando não existe presença física, pode ser uma técnica perigosa, que pode nos levar ao distanciamento emocional e a desatenção pessoal. Para mim essa condição foi particularmente percebida no início desse tipo de trabalho.

Entendo a situação analítica como um microcosmo da imensa cosmologia das relações humanas. E assim, a esta última a primeira deve subordinação.

Se o analista tem um sentido de responsabilidade em relação a seus pacientes – e é impossível imaginar um analista competente que não o tenha – certamente desejará aliviar seus tormentos. (Money-Kyrle, 1969b, p. 146)

Ao falar em tabu, lembrei de uma passagem de Totem e Tabu que fala das

manobras obsessivas e compulsivas que são, incontestavelmente, atos de arrependimento, expiação, defesa e purificação. A mais corrente dessas manobras é a ablução (impulsão de lavar-se). (Freud, 1913/1958b, p. 82)

Pois é, sendo essa uma das mais importantes recomendações higiênicas e preventivas do combate ao coronavírus, pouco ou nada surgiu nas sessões comigo. Parece que isso foi tratado como realidade, simplesmente.

Todas essas novidades novas carregaram minha imaginação às ideias de Jean Miró, o genial pintor espanhol, registradas no catálogo do MOMA (Museu de Arte Moderna de Nova York) quando de sua exposição em 2019:

Miró parte do nada: “o começo amorfo da vida, não altera um pressuposto natural ou adquirido (*Conatus*), é Criação e não Invenção (alteração do existente). A obra é *dissonante* (rompe a ordem), as formas e cores “calculadas” – nítidas, contrariam o fundo “livre” monocromático e anódino.

Algo novo está sendo criado na psicanálise, mas não é uma invenção.

Este mundo em si não é razoável, é tudo que se pode dizer sobre ele ... Mas o que é absurdo é o confronto desse desejo irracional e perturbado de clareza, cujo apelo ressoa nas profundezas do homem.<sup>3</sup> (Camus, 1942, p. 39)

3 *Ce monde en lui-même n'est pas raisonnable ... Mais ce qui est absurde, c'est la confrontation de cet irrationnel et (du) désir éperdu de clarté dont l'appel résonne au plus profond de l'homme.*

## De la pandemia y de psicoanálisis

Resumen: Mientras que algunos imaginan cómo será la vida pospandémica, otros necesitan adaptarse de inmediato a la nueva realidad. Los psicoanalistas entre ellos, incluso sin comprender completamente lo que estaba sucediendo y cómo sería mantener el método con otra tecnología.

Palabras clave: pandemia, aislamiento, presencia virtual, conexión real

## On pandemic and psychoanalysis

Abstract: While some people imagine what post-pandemic life will be like, others needed to adjust immediately to the new reality. The psychoanalysts among them, even without fully understanding what was happening and what it would be like to maintain the method with another technology.

Keywords: pandemic, isolation, virtual presence, real connection

Levy, S. (2004). A construção da subjetividade na cidadania. *Revista Olho Mágico* CCS, Universidade Estadual de Londrina/Rede Unida.

Levy, S. et Pimentel, C. (2014). Da gestão da saúde no Brasil. *Por que GESTI? Panorama, tendências e perspectivas em saúde*. Ministério da Saúde Brasília.

Money-Kyrle, R. E. (1969a). Teoria do instinto de morte. In R. E. Money-Kyrle, *Temas de psicanálise aplicada*. Zahar.

Money-Kyrle, R. E. (1969b). Psicanálise e ética. In R. E. Money-Kyrle, *Temas de psicanálise aplicada*. Zahar.

Reich, W. (1972). L'idéologie de la famille autoritaire dans la psychologie de masse du fascisme. *La psychologie de masse du fascisme – Petite Bibliothèque Payot*. Payot. (Trabalho original publicado em 1933)

Sylvain Nahum Levy  
sylvain.nahum@gmail.com

## Referências

- Bion, W. (1973). *Atenção e interpretação* (C. H. P. Afonso, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Camus (1942). *Le mithe de Sisiphe*. Gallimard.
- Cartola (1976). Preciso me encontrar. In J. Barroso (Prod.), *Cartola*. Discos Marcus Pereira
- Cymrot, P. (1997). Um vértice intersubjetivo. In P. Cymrot, *Elaboração psíquica teoria e clínica psicanalítica*. Escuta.
- Freud, S. (1958a). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 55-58, I. Izecksohn, Trad.). Delta. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1958b). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, p. 82, J. P. Porto-Carrero, Trad.). Delta. (Trabalho original publicado em 1913)
- Heimann, P. (1969). Notas sobre a teoria dos instintos de vida e de morte. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, & J. Riviere (Orgs.), *Os progressos da psicanálise* (pp. 344-360). Zahar.
- Horney, K. (1964). Cultura e neurose. In K. Horney, *A personalidade neurótica do nosso tempo* Civilização Brasileira (O. A. Velho, Trad.) (Trabalho original publicado em 1937)
- Klein, M. (1974). *L'analyse des jeunes enfants*. In M. Klein et al., *Essais de psychanalyse*. Payot. (Trabalho original publicado em 1923)